

A questão da virtude e o valor moral: uma breve análise da inversão dos valores historicamente constituídos segundo Max Scheler

The question of virtue and moral value: a brief analysis of the inversion of historically constituted values according to Max Scheler

RODRIGO LOPES FIGUEIREDO¹

Resumo: O presente artigo parte do estudo sobre a virtude e o valor moral refletidos desde a sua gênese, sob o pano de fundo da História e da crítica dirigida às filosofias de Friedrich Nietzsche e Immanuel Kant, considerando, respectivamente, os conceitos de ressentimento e dever moral, os quais foram analisados na obra *Da reviravolta dos valores* por Max Ferdinand Scheler. Nesta obra é mostrado como a virtude se desconfigurou na Modernidade em decorrência do capitalismo industrial, da ascensão da burguesia e do método científico aplicado ao estudo do homem e da natureza sob o viés técnico e pragmático utilitarista. O nosso objetivo neste sentido é analisar criticamente e de modo interligado sobre a transformação axiológica do conceito de virtude e valor presente na abordagem fenomenológica de Max Scheler, aprofundando particularmente, sobre as divergências filosóficas entre este filósofo e os pensadores acima citados, a fim de compreender melhor sobre o estado de desorientação ética em que vivemos em nossos dias.

Palavras-chave: Virtude. inversão axiológica. valor moral.

Abstract: This article starts from the study about virtue and moral worth reflected since its genesis, under the backdrop of history and criticism the philosophies of Friedrich Nietzsche and Immanuel Kant, considering, respectively, the concepts of resentment and moral duty, which were analyzed in the work of the Turnaround of values by Max Ferdinand Scheler. This work it is shown how the virtue has been disfigured in Modernity due to industrial capitalism, the rise of the bourgeoisie and the scientific method applied to the study of man and nature under the technical and pragmatic utilitarian bias. Our goal in this regard is analyze critically and in an interconnected way about the axiological transformation of concept the virtue and present value in the phenomenological approach of Max Scheler, deepening particularly, about the philosophical differences between this philosopher and the aforementioned thinkers, in order to better understand on the state of ethical disorientation that we live in today.

Keywords: Virtue. axiological inversion. moral worth.

Introdução

O contraponto entre a filosofia moral de Max Ferdinand Scheler e Immanuel Kant nos revela o que significa a virtude em seu sentido axiológico essencial; para tal, adentramos na reflexão sobre os nossos conceitos centrais pautados na obra *Da*

¹ Graduado e Mestre em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: digo_filo@yahoo.com.br

reviravolta dos valores, considerando as análises de Scheler em relação ao processo de corrompimento da virtude operado durante a Modernidade, considerando a sua crítica aplicada as filosofias de Friedrich Nietzsche e Immanuel Kant, tendo em vista, respectivamente, os conceitos de ressentimento e dever moral.

Segundo Max Scheler a virtude e o valor moral atribuído a pessoa foram suplantados pelo desenvolvimento técnico científico e pela ascensão da burguesia na Modernidade. Localizemos a questão presente na obra *Da reviravolta dos valores*:

Hoje fala-se da virtude, como se ela não tivesse significação alguma para os virtuosos mesmo, perdurando apenas para o grupo daqueles que, com esta palavra-conceito, fazem um cálculo aproximado, rápido e reduzido” [...] A virtude era uma qualidade da pessoa mesma, em diferença frente as habilidades e capacidades – as quais são sempre habilidades e capacidades ‘para algo’, isto é para alguma realização já definida (SCHELER, 1994, p. 20-21).

A constatação de que a virtude tem hoje o seu significado absolutamente esvaziado e relativizado não é de hoje, em meados do século XX Scheler já denuncia o viés instrumental com que os assuntos humanos pertencentes ao caráter eram tratados. Reduz-se deste modo, um aspecto genuinamente humano ao cálculo objetivo destinado a um fim previsto; Scheler discorda desta concepção, entendendo que a manifestação da virtude está para além da relação técnica e pragmático utilitarista; estando situada na vontade disposta a fazer o bem ao outro, fato que revela um caráter humanitário. Ora, se a virtude moral está circunscrita num ‘patamar’ para além do técnico e é algo admirável por si só, o que aconteceu com ela durante a Modernidade?

Segundo Max Scheler, a humanidade assumiu como referenciais valorativos o *trabalho*, a *propriedade* e o *sujeito (individualizado)*, desenvolvendo as condições históricas em torno da utilidade exigida pelo capitalismo industrial, pelo método científico aplicado ao estudo da natureza (sobretudo) e pela adequação técnica entre meios e fins exigidos no processo de desenvolvimento tecnológico. Neste sentido os valores e cuidados essenciais com a vida, considerada nas dimensões natural, moral e histórica foram sendo gradativamente substituídos por valores de utilidade, pautados no lucro, na eficiência e na busca do prazer e do bem-estar imediatos.

O trecho acima destaca a virtude enquanto ‘qualidade’ humana distinta das habilidades e capacidades, intuindo ser ela fruto da espontaneidade e do caráter da pessoa, independente do aspecto técnico e instrumental. Habilidades e capacidades podem ser desenvolvidas em vista de maior eficiência e resultados esperados, a virtude é diferente, não pode (ou não deveria ser de modo algum) instrumentalizada, isto é, concebida como um meio destinado a um fim pré-determinado. Contudo, o verbo “era” referente à virtude nos indica que, mesmo

sendo um aspecto tão genuíno da liberdade humana, foi modificada profundamente pelo próprio homem; isto significa que as condições objetivas condicionaram gradativamente muitos aspectos do caráter.

Análise scheleriana sobre as virtudes da humildade e a veneração

Na mesma obra *Da reviravolta dos Valores* Scheler destaca duas virtudes² provenientes do cristianismo: a humildade e a veneração, as quais considera importantes pelo fato de mostrarem desapego de si em favor dos outros e da divindade; partindo da análise de tais virtudes cristãs Scheler evidencia o desvio operado pela burguesia moderna ao se referir a virtude em geral. Vejamos:

Quando os gregos acharam a virtude tão encantadora, a ponto de a estenderem em unidade para com a irresponsável beleza, com palavras como: *Εὖ ζην, Εὐγενης, Καλλογαθια* etc; o que estava implícito nesta atitude era que eles não degradaram a virtude como os filósofos da burguesia moderna, como por exemplo Kant. Nestes, a virtude se torna um mero efeito de uma vontade em consonância para com o dever, como se esta vontade jamais pudesse enobrecer os homens com virtude (SCHELER, 1994, p. 21).

Antes de tratar sobre o desvio da virtude operado na modernidade, atentemos a compreensão grega da virtude, cujo significado etimológico remete ao homem corajoso, onde o prefixo ‘vir’ significa varão e o termo ‘tus’ significa força, capacidade de permanecer podendo realizar algo. Em suas origens a virtude esteve ligada a guerra, onde prevalecia a excelência do homem corajoso, firme, seguro em suas convicções e ações. Segundo o estudioso Werner Jaeger em sua obra *Paidéia – A formação do homem grego* a virtude significava originalmente *areté* traduzida para nós como excelência. Neste sentido compreende-se o guerreiro excelente enquanto aquele que se arriscava em defesa da *genos* (família), da cidade-Estado (*pólis*) e de tudo aquilo que atribui valor e importância.

A guerra tinha uma conotação valorativa estimada por todos, o campo de batalha era também o lugar onde se manifestava a excelência do guerreiro no combate, a cabeça do inimigo exibida em público era um troféu que indicava a bravura, a destreza, a inteligência do homem guerreiro, elogiado até mesmo pelos adversários. Unida a excelência guerreira estava a morte e aquilo que mais tarde, na modernidade se denominou barbárie e violência, pois nas guerras aconteciam esartejamentos, decapitações, mutilações de toda ordem e a escravização do inimigo quando este admitia a derrota diante do adversário mais forte. A coragem era provada às custas da aniquilação do inimigo, do sangue derramado e até mesmo da ostentação da brutalidade diante de outros guerreiros.

² Cf. SCHELER, 1994, p. 23-41.

Porque Max Scheler indica a virtude entre os gregos como algo também belo? O que há de belo na *areté* guerreira? Os gregos compreendiam a bravura somada a lealdade e a fidelidade na defesa do território, do clã, da tribo, enfim, das pessoas consideradas mais importantes. Há também o cuidado físico, os treinamentos, os exercícios para manter o corpo atlético e saudável, equilibrado à mente, por fim, há também o legado de conquistas deixado as gerações do presente e do futuro. Estes aspectos internos do caráter que chamam a atenção de Scheler.

A título de complementariedade vejamos o que nos diz Werner Jaeger, um estudioso da cultura grega, acerca da virtude e do homem virtuoso:

[...] A luta e a vitória são, no conceito cavalheiresco, a autêntica prova de fogo da virtude humana. Elas não significam simplesmente a superação física do adversário, mas a comprovação da *arete* conquistada na rigorosa exercitação das qualidades naturais. A palavra *aristeia*, empregada mais tarde para os combates singulares dos grandes heróis épicos, corresponde plenamente àquela concepção. O esforço e a vida inteira desses heróis são uma luta incessante pela supremacia entre seus pares, uma corrida para alcançar o primeiro prêmio. (JAEGER, 2013, p. 21).

Como vemos a virtude era posta à prova diante de todos os homens gregos, havia uma exigência de si em relação a um ideal de educação inspirado nos heróis do passado e do presente. A honra tinha um caráter meritório, neste sentido era importante receber o elogio e a aprovação pública pelos feitos realizados.

É importante salientar que a virtude nem sempre esteve atrelada a guerra e a “violência”; no período helenista destaca-se também a excelência intelectual, muito valorizada sobretudo em Atenas. A *Paidéia* grega destaca a preocupação com o equilíbrio entre o corpo, o intelecto e o caráter na formação do homem grego pertencente à aristocracia antiga.

Retornando à consideração de Max Scheler quanto à virtude entre os gregos antigos conclui-se que a virtude não havia sido degradada porque conservaram-na sempre associada a pessoa e ao reconhecimento desta pela comunidade a que pertencia; diferente dos modernos que remeteram a virtude a ‘externalidades’ dissociadas da pessoa ‘em si’.

Antes de aprofundarmos a concepção de virtude situada nas instâncias objetivas ‘externas’ vejamos como ela foi encarnada no cristianismo pautado desde a Idade Média – período histórico em que prevalece o cuidado interior e a interioridade. Scheler destaca duas virtudes cristãs em especial: a humildade e a veneração, sendo essa um reconhecimento genuíno, uma gratidão consciente à divindade, entendida num patamar superior inacessível à razão e que nos abre a visão de que não temos o controle pleno de todos os assuntos humanos, há algo maior do que nós, que nos ultrapassa.

Para o fim a que se destina a nossa reflexão (neste momento) será desenvolvida mais a virtude da humildade, pois a humildade é o pressuposto da veneração no cristianismo.

As virtudes da humildade e da veneração elogiadas por Scheler remetem ao estágio em que a firmeza na prática do bem distancia-se da “brutalidade” associada à *areté* guerreira, pois o cristianismo alicerça a valorização da ação no cuidado e no amor ao próximo, substituindo gradativamente a cultura da disputa, da vingança e da barbárie, pela caridade, pelo cuidado, pela gratuidade e pelo emprego eloquente e coerente da palavra no lugar da força física e da recompensa visada.

Vejamos o que nos diz sobre a humildade:

A humildade é a mais tenra, a mais velada e a mais bela das virtudes cristãs; ela é o pulsar interno e duradouro da disposição espiritual para o servir, no centro de nossa existência, da disposição para servir a todas as coisas, as boas e más, as belas e feias, as vivas e mortas. [...] Arriscai-vos a renunciar a todos os vossos supostos “direitos” interiores, às vossas “dignidades”, aos vossos “ganhos”, à estima de todos os homens - mas, na maior parte dos casos, à vossa “estima própria” - a toda sentença, para então ser “digno” de uma sorte qualquer, aprendendo-a, de forma diversa, como sorte presenteada: só assim sereis vós humildes! (SCHELER, 1994, p. 23).

O elogio da humildade cristã indica o seu caráter humanitário e humanizador, onde a pessoa é o que é na sinceridade, independente da imagem social projetada em decorrência dos seus feitos, aliás, o humilde é desprendido de pretensão e honrarias, não se preocupando com ganhos e recompensas, com feitos e afazeres para demonstrar o que é, daí a autenticidade valorativa de tal virtude. Diferente do guerreiro excelente, do orador retórico e do sábio dialético, que agem em vista da recompensa visada, o humilde ‘serve’ os outros contentando-se em realizar aquilo que é necessário ao próximo, agindo na simplicidade gratuita e na disponibilidade desapegada de si.

A gratuidade desinteressada e o desapego de si são os traços marcantes que conservam o caráter benevolente da virtude da humildade, evidenciada no cristianismo.

No trecho inicial da obra *Da reviravolta dos valores* o pensador alemão contrapõe a humildade ao orgulho vaidoso e a soberba, antecipando características da subjetividade moderna. Daí podemos entender por que a burguesia é tão atacada pela argumentação scheleriana, a ponto de degradar a virtude, desvirtuando-a completamente. Ao longo do processo de desvirtuamento dois pensadores são responsabilizados pelos desvios do sentido essencial do que se entende por virtude: Friedrich Nietzsche e Immanuel Kant, dentre os dois filósofos, aprofundaremos nosso estudo no ataque dirigido a Kant.

A crítica de Scheler à filosofia de Nietzsche

Primeiramente tratamos do desvio operado pela filosofia de Friedrich Nietzsche e o conceito de ressentimento. Vejamos o que nos diz Scheler:

O ressentimento é um revivenciar da emoção mesma, um sentir após um sentir de novo. Este sempre-de-novo através e a partir do viver da emoção é muito diferente de uma mera recordação intelectual da emoção e dos antecedentes sobre os quais ela “responderia”. No ressentimento a qualidade da emoção é negativa, trazendo um movimento hostil. Ressentimento é um envenenamento pessoal da alma, com causas e consequências bem determinadas. Ele é uma introjeção psíquica contínua, que através de um exercício sistemático de recalçamento de descargas desperta certos movimentos internos e afecções, que em si são normais e pertencem a estrutura fundamental da natureza humana. Os movimentos internos e afecções que, em primeiro lugar, tomaremos para análise são: sentimento e impulso de vingança, ódio, maldade, inveja, cobiça, malícia. (SCHELER, 1994, p. 48).

O ressentimento é um ato espiritual da pessoa ou de uma classe social ou até mesmo de uma sociedade, manifestado como reação baseada numa comparação entre pessoas que convivem num mesmo campo relacional de ação. O posicionamento nietzschiano reage contrariamente a toda espécie de transcendência e se volta ferozmente contra o cristianismo e os valores e virtudes cristãos em particular, alegando que toda forma de apego ao transcendente desvia-nos da vida aqui e agora no imanente da existência.

Scheler deixa claro logo no início da obra *Da reviravolta dos valores* o pontual objetivo de ‘desintoxicar’ a juventude alemã do ressentimento disseminado culturalmente a partir da popularização da filosofia de Friedrich Nietzsche.

O que haveria de tão nocivo no denominado ressentimento?

A exemplo das ideologias, o discurso nietzschiano é reativo e provocador, terminando por distorcer o significado real da virtude, associada ao caráter humanizador da pessoa; produzindo como consequência uma polarização adversária, jogando uns contra os outros a partir de termos como o “forte” e o “fraco”, “transcendente” e “imanente”, “vontade de poder”, etc. cujo objetivo é enaltecer um ideal imanente às custas da descaracterização e do esvaziamento axiológico do ‘objeto da crítica’ a que se dirigem os ataques, cujo objetivo é desqualificar para auto afirmar sua posição intelectual. O grande problema identificado por Scheler é a disseminação do ódio, da vingança, da inveja, da cobiça, da malícia, etc. enquanto estados emocionais decorrentes do pensamento

provocativo, cuja manifestação fenomenológica é sempre nociva e prejudicial a todos. Vejamos um trecho comprobatório do que dizemos:

O homem do ressentimento tem um sentido valorativo revertido na seguinte direção: “isto tudo é uma ninharia”. Nas manifestações contrapostas é que se encontram exatamente os valores positivos e preferenciais, que conduzem o homem à salvação (pobreza, sofrimento, mal, morte) (SCHELER, 1994, p. 85).

O termo ‘salvação’ remete a um sentido figurado a que se dirige a intenção nietzschiana de “purificar” o pensamento ocidental de toda influência metafísica, elevando a humanidade a um patamar de moralidade onde se anulariam as noções de bem e mal, certo e errado, justo e injusto; tendo em vista que tais noções desde os primórdios remetem a divindade e ao transcendente. Ora, segundo Max Scheler, quando se anulam as distinções morais essenciais mergulha-se na ilusão, uma espécie de falsificação existencial coletiva (também denominada “mentira orgânica”³) recaindo-se na servidão de interesses egoístas e dos impulsos irracionais inatos tais como o ódio, o ciúme, a vingança, etc.

Deste modo o ressentimento contribuiu decididamente para a instalação de uma cultura desviante da virtude, disseminando a compreensão de que a vida que vale a pena ser vivida é aquela projetada a partir da força contraditória, do confronto, da reação e dos impulsos deliberadamente manifestos. O sujeito é constituído a partir de si e por si mesmo enquanto auto referência re-ativa, sendo portanto, incapaz de realizar algo pelo bem e a necessidade de outrem, isto caracterizaria uma inversão de valores onde o impulso se torna valor e o critério axiológico é anulado.

123

A crítica de Scheler a filosofia moral kantiana

Passemos a seguir a degradação da virtude operada pelo filósofo Immanuel Kant segundo Max Scheler.

No segundo trecho citado na página 03 retirado da obra *Da reviravolta dos valores* Scheler incluí Kant entre os pensadores pertencentes à burguesia moderna, o qual teria contribuído para a degradação da virtude, estabelecendo um sentido forçado e obrigatório do agir virtuoso produzido como resultado do dever moral; complementa dizendo que a vontade se vê destituída de autonomia que enobreça o homem por si só.

Numa outra passagem da mesma obra Max Scheler ataca Kant contrapondo a virtude da humildade à soberania e a dignidade advindas da racionalidade prática traduzida moralmente como dever. Vejamos:

³ Cf. SCHELER, 1994, p. 86.

A “humildade” traz consigo a antítese mais extrema, no momento em que se opõe à atitude do orgulho racional e ético dos estóicos e romanos, ao método do procedimento que visa salvaguardar e impedir a perda da estima pessoal, da “soberania” e dignidade de si mesmo. Em especial na oposição “a autonomia do dever”⁴ de Kant (retomada de Roma em sua filosofia aristocrática) (SCHELER, 1994, p. 24).

Scheler complementa o que quer dizer acerca dos estóicos quando se refere a dois tipos de orgulho, pretensiosos e nocivos moralmente:

A primeira modalidade de orgulho, que os estóicos julgam asceticamente como pura e mera vaidade, é construída já com base em uma forma de amor às coisas de que somos orgulhosos. [...] Daí se derivam as saudações e sinais atenciosos de cumprimento dos que passam por nós, ao uniforme que se usa, ou às coisas que, mesmo fora de nosso ser orgulhoso delas, têm um certo valor próprio. [...] A segunda modalidade de orgulho, que os estóicos avaliam como um aproveitar-se do orgulho dos primeiros, é, sozinha, o que perfaz, no interior do sentimento cristão, a soberba (*Superbia*) e a origem do diabo; na medida em que ela nos empobrece irremediavelmente, fazendo com que nos obscureçamos, a nós mesmos e ao mundo; na medida em que ela faz com que o sujeito, orgulhoso de si, sempre ultrapasse novamente todas as coisas e valores, até o momento em que, com sua “soberania” sobre tudo – até mesmo sobre o seu completo vazio e nulidade agora encontrados – ele olhe para baixo (SCHELER, 1994, p. 25).

124

Porque a filosofia scheleriana reflete sobre os estóicos e os romanos? Por que a escolha do orgulho enquanto ato intencional vivenciado entre os estóicos e romanos da Antiguidade?

Porque Scheler pretende alicerçar a sua crítica à filosofia moral de Immanuel Kant, mostrando: 1º) Os fundamentos primordiais onde Kant alicerça a sua concepção de dever; 2º) Crítica a autonomia da vontade por ser autorreferente e distante do reconhecimento devido à divindade; 3º) A dignidade do sujeito, proveniente do Imperativo categórico, condiz com a pretensão burguesa de progresso e autoafirmação histórica e 4º) O conceito de soberania advinda do dever contribuiria para a potencialização do sujeito em sua subjetivação, culminando no individualismo moderno

Segundo Scheler, Kant é um ‘fruto do seu tempo’, pensando a ética em termos de bens e fins, máximas e lei moral, negligenciando o aspecto valorativo material ou a materialidade dos valores concernentes às regulações da moralidade. Embora reconhecido como critério de fundamentação admirável o Imperativo categórico caracteriza-se problemático devido a sua aplicação depender da vontade expressa do

⁴ O grifo está presente na obra referida.

sujeito moral e devido ao seu caráter lógico formal distante dos conteúdos vivenciados na esfera material.

O problema indicado por Scheler quando se refere a Kant como aquele (incluído entre os ‘filósofos da burguesia moderna’) que contribuiu com a degradação da virtude, é que, ao desqualificar a ação virtuosa também se desqualifica a presença de virtudes presentes na vontade, esvaziando-se todo seu significado valorativo; é como se todo e qualquer valor virtuoso fosse “fabricado” em nome da subordinação ao princípio supremo da moralidade (o Imperativo categórico).

A configuração deontológica atribuída a filosofia moral kantiana, se vê alicerçada exclusivamente na noção do que é necessário e devido, caracterizando uma visão normativa com forte tendência padronizante quando nos referimos a fundamentação moral; neste sentido merece destaque o papel fundamental atribuído a razão, tendo em vista que é ela a fonte que nos permite realizar *avaliações*, neste sentido toda consideração ou predicação valorativa provém exclusivamente da sua constituição universal e necessária.

Scheler discorda da fundamentação unívoca originada na faculdade racional, mostrando a necessidade do auxílio afetivo dos sentimentos e das emoções no sentido de ‘colocarmo-nos no lugar dos outros’ vivenciando as suas dores e alegrias, penetrando de modo mais ‘aproximado’ em sua história, independente dos “ditames racionais formais” advindos de representações ou esquemas mentais que determinam o nosso comportamento no mundo.

A consideração estritamente racional oportunizaria distorções e falsificações operadas pelo ressentimento (conforme exposto acima), pelos estados emocionais patológicos (onde governam a inveja, o ódio, a soberba e a vingança por exemplo) e pelas ideologias disseminadas como justificações pseudo verdadeiras travestidas de verdades racionais, e que, quando dissociadas do aspecto afetivo-emocional dirigido pelos valores intuídos “*a priori*”, nos permitem mergulhar nos desvios operados numa inversão valorativa.

Vejamos o alerta: “Os juízos éticos valorativos (de valor) não podem depender de farsas valorativas tais como o ressentimento. O ressentimento é uma das fontes da reviravolta dos valores, sendo uma fonte de engano” (SCHELER, 1994, p. 80).

O questionamento scheleriano em relação a subordinação da boa vontade kantiana, conformada por princípios “*a priori*” universais e necessários determinados pelo Imperativo categórico, pretende mostrar a fragilidade de uma perspectiva ética rigorosa, formalista e que não atentou devidamente aos valores espirituais (em sentido fenomenológico afetivo) devido ao fato de não haver tido contato com o método fenomenológico. Enquanto representante da Ilustração moderna Kant pensou dentro dos paradigmas vigentes na modernidade, trazendo a

influência cartesiana da distinção fundamental entre o sujeito do conhecimento e o objeto disponível à cognição, sem, no entanto, ultrapassar esta dicotomia epistemológica.

Como vemos, Scheler pretende revelar as razões fundantes da inversão dos valores vigentes na cultura ocidental, refletindo globalmente sobre as filosofias de Nietzsche e Kant, os quais, segundo o seu entendimento filosófico, contribuíram para o desvio operado nas noções de virtude e valor moral; derivando-se da filosofia nietzschiana uma espécie de cultura discriminatória e reativa em relação a toda manifestação advinda do ‘transcendente’, sendo esta alicerçada no conceito de ressentimento e por outro lado, o estabelecimento de uma cultura racional e subjetivista, alicerçada no excesso de exigência lógico-racional, advinda da filosofia moral kantiana.

Para além dos posicionamentos filosóficos criticados, destacando em especial os aspectos emocional (ressentimento) e racional (o dever), Scheler pontua a sua contribuição fenomenológica, partindo do estudo dos valores sentidos e vivenciados (internamente), estando estes para além da compreensão intelectual e dos “conteúdos cognitivos” representados na mente; tais parâmetros racionais nos levariam a julgar algo ou alguém (exclusivamente) a partir de parâmetros lógico racionais e os valores ultrapassam tal realidade. A qualidade valorativa de alguém é reconhecida a partir do auxílio da percepção emotiva e do sentimento ativado sob a forma de “simpatia”.

O que acontece quando não se reconhece o valor merecido atribuído a uma pessoa, lugar ou em relação aos demais seres vivos tais como animais e plantas? A ausência de reconhecimento valorativo ocorre sempre que incidem sobre a vontade humana alguma patologia, quando somos afetados por falsas noções (ideologias) ou pelo ressentimento e as paixões inatas, denominadas estados afetivos negativos, produzidos por um desequilíbrio axiológico quando se estabelecem relações humanas baseadas na comparação disputada. A ausência de condições materiais igualitárias oportunizaria a manifestação do desvio teleológico em relação aos valores e as virtudes.

Segundo Max Scheler os valores já estão dados, são produzidos ou reconhecidos independentemente de um princípio ou regra racional que determine o que deve acontecer; ocorrem atos afetivos (que não dependem de uma reflexão prévia para virem à tona) estando estes conectados a valores correspondentes como correlatos. Quando não ocorrem desvios na apreensão e intuição valorativa há uma correspondência equilibrada entre atos e correlatos e as vivências espirituais seguem o curso teleológico saudável, já quando ocorrem desvios distorcem-se as relações humanas, reinando a confusão generalizada e o domínio de uns para com os outros.

Vejamos o que ocorreu na modernidade segundo o pensador:

Muitas virtudes tiveram o sentido original invertido na modernidade: o “autodomínio” moral foi substituído pelo autogoverno nos negócios. A fidelidade ao cumprimento moral da promessa se transforma numa atitude prática de fazer promessas “artificiais” e firmar contratos. A veracidade antes valorizada enquanto coragem de confessar ganha o sentido de “vergonha”, onde não se pode dizer diante do fórum moral comunitário e da opinião pública! (SCHELER, 1994, p. 167).

Em outra obra Scheler complementa acerca do ideário presente no contexto moderno:

As antigas relações de lealdade e de crença dissolvem-se em contratos arbitrários, e todas as comunidades imediatas de vida dissolvem-se em sociedades em que os interessados tudo sujeitam ao cálculo. Para o tipo moderno, <<pensar>> torna-se <<calcular>> e o corpo vivo torna-se um corpo entre outros, uma parte do mecanismo universal do mundo dos corpos (SCHELER, 1993, p. 40).

O ideal mecanicista moderno, que equivale o corpo a máquina quanto ao funcionamento em processo traz como consequência a indiferença em relação ao “estar vivo ou estar morto”, tudo se relativiza, perdendo a importância valorativa, a própria vida perde o seu valor quando voltamos para fora de nós mesmos. Daí o grande alerta trazido à tona por Max Scheler.

127

Considerações finais

Quando as condições econômicas, políticas, filosóficas, enfim, quando o legado histórico objetivo assume proporções valorativas mais importantes que a pessoa, ocorre um processo de condicionamento auto sabotador do próprio homem; na ânsia desmedida de conhecer, administrar e projetar demais as instâncias objetivas, terminamos por nos perder no horizonte existencial das vivências, atribuindo valor exagerado ao que não é meritório de reconhecimento, produz-se assim a inversão dos valores, onde o ‘objetual’ se torna mais significativo que o sujeito e a subjetividade.

Ao longo de nossa reflexão abordamos as perspectivas filosóficas de Friedrich Nietzsche e Immanuel Kant sob a análise do filósofo Max Scheler e a sua preocupação com o desvio essencial da configuração significativa da virtude e dos valores. Traçamos um breve histórico da compreensão acerca da virtude em seus primórdios gregos, onde era manifesta como excelência, abordamos duas virtudes cristãs escolhidas pelo filósofo alemão por sua pertinência em relação ao caráter humanizador da pessoa onde ser virtuoso significava estar entregue ao bem do próximo, atendendo-lhe as necessidades de cuidado sem esperar algo em troca, em resumo, a virtude é tornada caridade; refletimos sobre a nova configuração da virtude e dos valores na modernidade, constatando o ‘ser virtuoso’ como operação

prudente e eficiente, isto é, enquanto utilidade adequada segundo os propósitos circunstanciais exigidos; argumentando no sentido de compreender quais as causas da degradação operada. Enfim, temos que, o objetivo principal de Max Scheler é resgatar o conteúdo significativo da virtude e do valor, elevando a pessoa humana ao amadurecimento existencial condizente com o propósito genuinamente humano e não técnico.

Referências

- CADENA, N. B. de la. “Scheler, os valores, o sentimento e a simpatia” in: *Revista Ética e Filosofia Política*, Juiz de Fora, MG, volume II, número XVI, p. 76-88, dez., 2013.
- JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. 6ª ed. Brasília: Martins Fontes, 2013.
- KANT, I. *A Religião nos limites da simples razão*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.
- _____. *Fundamentação da metafísica dos costumes*; trad. nova com introdução e notas de Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Discurso Editorial: Barcarolla, 2009 (Coleção philosophia)
- SCHELER, M. *Da reviravolta dos valores: ensaios e artigos*. Trad. introdução e notas de Marco Antônio dos Santos Casa Nova. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- _____. *Morte e sobrevivência*. Trad. Artur Morão. Edições 70, Lisboa, 1993.
- _____. *Modelos e líderes*. Trad. Irineu Martim. Curitiba: Champagnat, 1998.
- _____. *Sobre el pudor y el sentimiento de verguenza*. Trad. Ingrid Vendrell Ferran. Ediciones Sígueme, Salamanca, 2004.
- VOLKMER, S. A. J. *O Perceber do valor na ética material de Max Scheler*. Porto Alegre: PUCRS, 2016 [Dissertação de mestrado].

Submissão: 27. 07. 2020 / Aceite: 11. 11. 2020